

Poema sobre São Bento de Marcus Cassinense

TRADUÇÃO DE IR. HILÁRIO N. DE SIQUEIRA, OSB*

Introdução

Pouco se sabe da vida de Marcus Cassinense, senão que ele foi monge em Monte Cassino, e que compôs um poema em dístico elegíaco para comemorar a vida de São Bento de Núrsia (480-547), fundador desse cenóbio, posto que Sigeberto de Gembloux (1030-1112) lhe dedicou um pequenino capítulo (XXXVI) do seu *De Scriptoribus Ecclesiasticis*:

Marcus poeta, familiaris Benedicti Casinensis, Vitam ejus a Gregorio descriptam defloravit heroico breviliquio, et pauca superaddidit.

Na obra desse historiador, entre Marcus e São Bento há apenas um nome: Fausto, que foi enviado para a Gália pelo próprio São Bento. Desse modo parece que, para Sigeberto, Marcus teria vivido realmente muito próximo do tempo de São Bento. A sua cronologia, porém, não deve ser levada muito a sério, posto que Boécio (480-525) está nomeado a seis nomes após São Bento, sendo que, nascidos no mesmo ano, o estadista romano morreu uns vinte anos antes. Apesar disso, os organizadores da *Patrologia Latina* julgaram ser esse poema de 612.

Além disso, Sigeberto afirma que o poema de Marcus é um florear do livro escrito por Gregório Magno, acrescentando somente poucos acontecimentos. Mas vê-se que ele segue outra tradição e parece desconhecer o escrito do santo Papa (Schuster, 1956), como se observa nas seguintes narrações:

* Ir. Hilário Nogueira de Siqueira, OSB é monge beneditino no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro e graduando em Filosofia na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSBRJ). Contato: ir.hilario@corporativo.msbrj.org.br

- 1) Quanto ao motivo da migração de Subiaco para Monte Cassino, São Gregório apresenta a inveja do sacerdote Florêncio (*Diálogo* II, ii, 8); Marcus, uma admoestação divina (v. 31-32).
- 2) Nesse mesmo episódio, nosso poeta apresenta dois jovens que se adiantavam nas encruzilhadas para verificar qual caminho o santo deveria seguir (v. 33-34).
- 3) A amizade do patriarca com um corvo aparece na narração do Doutor eclesiástico (*Diálogo* II, ii, 8), sendo que para o poeta são três corvos que o acompanharam para não estar a sós no caminho (v. 43-44).
- 4) No livro III dos diálogos, São Gregório afirma que no monte Mársico havia um eremita, de nome Martinho, que se prendia com grilhões de ferro, mas que pela ordem de São Bento ele, livrando-se dos grilhões, se prendeu unicamente pela vontade (XVI). Para Marcus, São Bento ordena a esse justo para ali perseverar, posto que se lhe oferecia como um amigo (v. 35-36).



São Bento e seus principais atributos iconográficos: a Regra e o corvo.
(Fonte: SAN GREGORIO MAGNO. *Vida de San Benito*. Ilustraciones de Frey Pedro Subercaseaux. Buenos Aires: ECUAM, 2010).

De Sancto Benedicto

Caeca profanatas coleret dum turba figuras,
 Et manibus factos crederet esse deos,
 Templâ ruinosis haec olim struxerat aris,
 Quis dabat obsceno sacra cruenta Iovi.
 5 Sed iussus veniens, eremoque vocatus ab alta,
 Purgavit sanctus hanc Benedictus humum.
 Sculptaque confractis deiecit marmora signis,
 Et templum vivo praebuit esse Deo.
 Huc properet, coelos optat qui cernere apertos
 10 Nec removet votum semita dura pium.
 Semper difficili quaeruntur magna labore,
 Arctam semper habet vita beata viam.
 Huc ergo cum scelerum depressus fasce subissem,
 Depositum sensi pondus abesse mihi.
 15 Credo quod et felix vita fruar insuper illa.
 Oras pro Marco si, Benedicte, tuo,
 Hunc plebs stulta locum quondam vocitaverat arcem,
 Marmoreisque sacrum fecerat esse deis.
 Quod tunc si vero signasset nomine quisquam,
 20 Tartareum potuit iure vocare Chaos.
 Ad quem caecatis errantes mentibus ibant
 Improba mortifero reddere vota Iovi.
 Sed puto praevisae culmen signaverat aulae,
 Nomine tunc arcis templâ moderna vocans.
 25 In quibus aeternae damnatur porta gehennae,
 Arxque modo vitae est, quae fuit ante necis.
 De qua stelligeri pulsatur ianua coeli,
 Dum canit angelicis turba beata modis.
 De qua colloqueris vero, Benedicte, Tonanti,
 30 Monticula et sacri dux eremita chori.
 Ad quam tu ex alio monitus cum monte venires,
 Per deserta tibi, dux, via, Christus erat.

Poema sobre São Bento

Enquanto a cega multidão cultuava figuras profanas,
e acreditava serem deuses os que eram feitos por mãos,
erguendo outrora estes templos com seus altares arruinados,
pelos quais ofereciam sacrifícios sangrentos ao obsceno Júpiter.
5 Mas vindo, por ter sido ordenado e chamado de outro deserto,
São Bento purificou este solo.
E quebrando os signos, precipitou os mármoreos esculpidos e
fez ser um templo ao Deus vivo.
Para aqui apresse-se quem deseja ver os céus abertos.
10 Pois um pio voto não remove os duros inícios.
Sempre se buscam as grandes coisas por um difícil labor,
sempre tem a bem-aventurada vida uma estreita via.
Por isso quando eu oprimido pelo jugo dos crimes ingressei,
senti que o peso entregue a mim estava ausente.
15 Creio que feliz eu goze daquela vida do alto.
Oras por teu Marcos, Ó Bento,
se a plebe estulta outrora denominara este lugar de fortaleza,
e o fizera ser sacro aos deuses marmóreos.
E se, então, alguém tivesse sinalizado pelo verdadeiro nome,
20 com razão poderia tê-lo chamado de Caos Tartáreo.
Onde, cegadas as mentes, iam errantes
render ímprobos votos ao mortífero Júpiter.
Mas julgo que sinalizara o cume do pátio previsto,
chamando, então, os templos modernos com o nome da fortaleza.
25 Nos quais é condenada a porta da Geena eterna.
E a fortaleza, que antes foi de morte, agora é de vida.
Dela se bate na porta do estrelado céu.
Enquanto a bendita multidão canta a modos angélicos.
Dela, Bento, conversas com Tonante,
30 tu habitante das montanhas e eremita chefe do sacro coro.
Quando a ela tu, admoestado, vinhas de outro monte,
pelos caminhos desertos, era-te Cristo guia e via.

Namque duos iuvenes bivium perduxit ad omne,
 Qui te firmarent quod sequeris iter.
 35 Hic quoque viventi iusto praedixerat uni,
 His tu parce locis, alter amicus adest.
 Te sibi sublato tenebris mons coelitus horret,
 Et pallet nebulis concolor ipse suis.
 Moerent, et largis distillant fletibus antra,
 40 Cumque suis plangunt tabida lustra focis.
 Teque lacus liquidi vero flevere dolore,
 Et sparsit laceras silva soluta comas.
 Credar ficta loqui, nisi te, ne solus abires,
 Tres subito corvi promeruere sequi.
 45 Hic quoque te clausum populi te teste requirunt,
 Exspectas noctis cum pia festa sacrae.
 Qui velut orbati raucis tibi flere querelis
 Instant, convictu quod caruere tuo.
 Ast huc perducto scopuli cessere, rubique
 50 Siccaque mirandas terra retexit aquas.
 Certum est mons Christi quod montibus imperet ipsis,
 Subiecit pedibus mons caput ipse tuis.
 Utque suum tu sancte supervegetere cacumen,
 Submisso tumidam vertice planat humum.
 55 Neve fatigentur qui te, Benedicte, requirunt,
 Molliter obliquum flectit ubique latus.
 Hunc mons ipse tamen iuste tibi reddit honorem
 Qui meruit tantum te decorante bonum.
 Arida tu cuius hortis componis amoenis,
 60 Nudaque fecundo palmite saxa tegis.
 Mirantur scopuli fruges, et non sua poma,
 Pomiferisque viret silva dumata comis.
 Sic hominum steriles in fructum dirigit actus,
 Sicca salutari flumine corda rigans.
 65 Sic, rogo, nunc spinas in frugem verte malignas,
 Quae lacerant Marci pectora bruta tui.

Pois Ele conduziu dois jovens a frente em toda encruzilhada
 que te firmassem qual caminho seguir.

35 Predissera também ao único justo que aqui vivia.
 Mantém-te nestes lugares, pois outro amigo está presente.

Pois, o monte celeste, quando tu lhe veio, horroriza-se das trevas
 e se empalidece tornando-se de mesma cor que suas neblinas.

Afligem-se e desaguam largas lágrimas as cavernas
 40 e com seus fogos choram os luzeiros que estão a se apagar.

E os lagos fluidos choram-te de viva dor,
 e a floresta destruída espalhou suas folhagens dilaceradas.

Seja eu tido como mentiroso se, subitamente, três corvos,
 para tu não partires sozinho, mereceram seguir-te.

45 Aqui também os povos te requerem enclausurado – tu o testemunhas,
 quando esperas as pias festas da noite sacra.

aqueles que como órfãos estão a chorar com ruidosas queixas
 porque carecem de tua convivência.

Todavia, para aqui tu conduzido, as pedras cederam, e as amoreiras
 50 e a terra seca jorrou admiráveis águas.

Com certeza ele é o monte de Cristo, porque imperava aos próprios
 montes, o próprio monte subjugou a sua cabeça aos teus pés.

E para que tu, ó santo, vivificasses o seu cume,
 submetido o vértice, a terra acidentada se plaina.

55 para não se fatigarem os que te buscam, ó Bento,
 ele dobra facilmente, de toda parte, o seu lado oblíquo.

Todavia, rende-te esta honra o próprio monte,
 que mereceu tamanho bem de tu decorá-lo com justiça.

Tu, que em jardins amenos cultivas,
 60 cobres as pedras ávidas e nuas com a videira fecunda.

Os rochedos admiram os frutos. E a floresta domada não somente se
 revigora por seus próprios frutos, mas com os de outras árvores frutíferas.

Assim transformas os atos estéreis dos homens em frutos, regando os
 corações secos com o rio salutar.

65 Assim, peço, converte agora em frutos os espinhos malignos
 que dilaceram o insensível peito do teu Marcos.

Referências

GREGORIUS Magnus, Papa. Dialogorum Libri Quatuor. In: MIGNE, Jean-Paul (Org.). *Patrologia Latina*. Vol. LXXVII. Paris: 1862. p. 149-430.

MARCUS Cassinensis. Carmen de S. Benedicto. In: MIGNE, Jean-Paul (Org.). *Patrologia Latina*. Vol. LXXX. Paris: 1863. p. 183-186.

SAN GREGORIO MAGNO. *Vida de San Benito*. Ilustraciones de Fray Pedro Subercaseaux. Buenos Aires: ECUAM, 2010

SCHUSTER, Ildefonso. *História de São Bento e de Seu Tempo*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1956.

SIGEBERTUS Gemblacensis. De Scriptoribus Ecclesiasticis. In: MIGNE, Jean-Paul (Org.). *Patrologia Latina*. Vol. CLX. Paris: 1854. p. 547-588.

Tradução recebida em 12/05/2025 e aprovada para publicação em 27/05/2025